

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

FACULDADE DE HISTÓRIA

LUAN PATRIC DE CASTRO

A abordagem da Conquista da América nos
livros didáticos: Uma abordagem comparativa

Juiz de Fora

2014

Luan Patric de Castro

A abordagem da Conquista da América nos
livros didáticos: Uma abordagem comparativa

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Federal
de Juiz de Fora – Campus Juiz de
Fora como requisito parcial para a
conclusão de curso de graduação
em História.

Orientador: Ignácio G. Delgado

Juiz de Fora

2014

Sumário

Introdução	página 4
A utilização das imagens nos livros didáticos para explicar a conquista da América	página 7
Um parâmetro das atividades relacionadas ao Império Asteca .	página 10
O ofício do Historiador em sala de aula	página 13
Conclusão	página 16

Introdução

Este trabalho possui a intenção de realizar uma breve comparação na maneira como cada coleção de livro didático aborda a temática do Império Asteca, para o bom andamento deste trabalho resolvi selecionar as coleções a serem usadas devido à impossibilidade de se estudar todas, mas o ideal seria isso, para ser possível estabelecer um panorama de como o tema é apresentado para os estudantes.

Portanto para fins elucidativos realizei a comparação entre duas coleções apenas, mas mesmo utilizando um baixo número de coleções, já foi possível perceber as diferenças entre a maneira de abordar o mesmo tema por parte de cada autor.

Pode parecer que este é um assunto sem alguma relevância, mas a atividade de comparar as maneiras como cada coleção de livro didático aborda o mesmo assunto é algo extremamente proveitoso, além de possibilitar ao leitor perceber de maneira clara como cada autor percebe determinado assunto e a intenção que existe por trás da sua obra, além de permitir ao leitor descaracterizar o livro didático como sendo um simples livro, o que ele não é, pois ele se constitui em uma mercadoria, onde as editoras se importam apenas com o número de vendas, em detrimento da qualidade do material a ser ofertado, mas é claro que existem coleções com propostas excepcionais, não podemos generalizar.

Ao realizar este movimento de reflexão foi possível perceber os inúmeros detalhes por detrás da obra, detalhes estes que não seriam percebidos caso o professor adote em sala apenas o livro didático escolhido pela escola. Então você deve se perguntar, se o livro didático é uma mercadoria, o professor deve utiliza-lo em sala de aula?

Sim o professor pode utilizar o livro em sala de aula perfeitamente, desde que ele tenha plena consciência desta característica do livro didático e mesmo que o livro didático escolhido pela instituição onde ele trabalha seja ruim, o professor pode utilizar o livro e trabalhar em sala de aula com temas que o livro não aborda e demonstrar para os seus alunos, o motivo pelo qual o livro não trata de determinado assunto.

Caso o professor ainda não esteja preparado para dar aula, pois se encontra no início de sua carreira e necessite dos livros didáticos como suporte, não há nenhum problema, mas se for para ficar refém dos livros didáticos, então fique refém de mais de um livro, pois um livro pode possuir o texto base de qualidade, outro pode ter bons exercícios, assim o educador poderá se aproveitar do que cada coleção tem de melhor.

No que se refere ao mercado brasileiro de livros didáticos, todas as grandes editoras do mundo querem lucrar nesse mercado, pois o Brasil possui o maior programa de livros didáticos do mundo, por isso se faz extremamente necessário um programa que avalie os livros didáticos, pois o governo brasileiro não pode investir uma grande quantia de dinheiro em um livro de baixa qualidade e que possua erros grosseiros.

O mais interessante ao estudar os livros didáticos e os manuais dos professores de cada coleção é que é possível perceber as incoerências que existem dentro de cada obra, pois muitas coleções são produzidas seguindo o modelo fordista, de divisão de tarefas. Onde um grupo fica responsável pelo texto, outro pelas atividades e outra empresa pelo aspecto visual do livro, que sequer participou do processo de criação do livro didático, transformando o livro em uma quimera, literalmente.

Portanto se faz extremamente necessário que existam estudos que visem demonstrar as incoerências existentes entre os livros didáticos para que todos os professores tenham o conhecimento de que ele é uma mercadoria e possam ter uma consciência crítica no instante em que irá escolher o livro para a escola em que trabalha.

Entretanto aqueles que mais são prejudicados com a baixa qualidade dos livros didáticos são os alunos, pois muitas vezes em uma escola os professores não tem o poder de escolher o livro didático, decisão esta que fica a cargo da coordenadora pedagógica ou da diretora, que não leva em consideração as características da escola e dos seus alunos, gerando um enorme problema, pois se o livro não for o mais adequado para aquela conjuntura local à escola terá um livro inapropriado por três anos.

O problema é que muitos professores não tiveram uma formação crítica no nível superior, sendo assim muitos não conseguem levar em consideração diversos fatores ao se escolher um determinado livro e acabam tomando uma decisão equivocada, seja por falta de experiência ou por falta de conhecimento.

Contudo mesmo que a escola opte por um livro informativo e que foi mal avaliado no PNL D, o professor pode fazer um excelente trabalho ao pautar as ausências do livro didático, o que é de uma potência enunciativa gigantesca e que causará um grande conflito cognitivo nos alunos.

Dessa forma se faz extremamente necessário em nossos dias atuais uma melhor formação dos professores para que eles sejam críticos na hora de escolher um livro didático e mesmo que não possuam o direito de escolher, que eles tenham em seu arcabouço intelectual elementos necessários para realizar um bom trabalho com um livro didático de baixa qualidade.

Além destes elementos o presente trabalho também terá a intenção de abordar o ofício do historiador dentro de sala de aula e em que medida ele pode fazer a diferença na prática educativa, transformando os alunos em sujeitos críticos, para que eles possam se transformar em cidadãos melhores, que tenham uma consciência maior sobre a realidade histórica que os cercam.

A utilização das imagens nos livros didáticos para explicar a conquista da América

Para a realização deste trabalho irei utilizar a coleção “História Global: Brasil e Geral” de Gilberto Cotrim e a coleção “História: Das sociedades sem estado às monarquias absolutistas” de autoria de Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro Faria, Jorge Ferreira e Georgina dos Santos.

Portanto ao analisar as imagens utilizadas e a maneira como os autores as utilizam em suas respectivas coleções, é possível ter uma ideia da concepção de história e a concepção que estes autores possuem no que se refere ao uso das imagens, que permeiam tanto a narrativa do livro quanto o uso das imagens.

No livro de Gilberto Cotrim, o “capítulo 20- O Impacto da conquista da América” tem início com um quadro de um autor mexicano chamado Diego Rivera, que pintou o quadro intitulado “a conquista” no ano de 1951, ou seja, mais de 400 anos após a Conquista do México.

Entretanto em nenhum momento o autor do livro didático se preocupou em problematizar esta imagem, ele apenas a introduziu para ilustrar como aconteceu a conquista de Tenochtitlán, como se uma imagem que foi criada 400 anos após o acontecimento conseguisse demonstrar como esse acontecimento aconteceu.

Após a imagem existem dois exercícios, mas que em nenhum momento tiveram a intenção de explorar da imagem toda a sua potência educativa, os exercícios propõem que o aluno apenas identifique quem são os colonizadores e quem são os nativos retratados no quadro. O que não gera nos alunos habilidades de decodificação das imagens, criando uma deficiência na leitura de imagens, que muitos alunos carregaram para o resto de suas vidas.

Resumindo, o autor pode utilizar uma imagem que não tenha sido concebida no mesmo período que o acontecimento a ser estudado, desde que ele faça o bom uso da imagem, utilizando-se de alguns recursos para permitir que os alunos realizem a leitura desta fonte.

No decorrer deste capítulo da coleção de Cotrim, o autor faz o uso de uma ilustração de um manuscrito mexicano, que representa Hernan Cortes seguindo com

seus homens em direção a capital asteca, obra cuja autoria data do século XVI, ou seja, é uma fonte muito diferente da anterior no que refere à autoria e ao período em que foi construída.

Todavia apesar desta imagem ser muito diferente da anterior, o autor comete o mesmo erro ao utilizar uma fonte histórica e aplicar exercícios que em nada propiciam o desenvolvimento intelectual de seus alunos.

A coleção “História: Das sociedades sem estado às monarquias absolutistas”, utiliza outras imagens que não foram utilizadas pela outra coleção. O capítulo tem início com uma imagem do códice Tlaxcala, do século XVI, com o intuito de demonstrar o intercâmbio entre a cultura asteca e a europeia, mas o autor do livro também não realizou a problematização desta fonte e não existem exercícios como na coleção anterior.

No decorrer do capítulo o autor se utiliza de uma imagem de autoria de Theodor de Bry e de outra imagem do códice florentino para explicar sobre o canibalismo, mas a uma diferença básica quando o autor utilizou estas duas imagens, pois o autor utiliza uma legenda para explicar sobre o canibalismo com a intenção de demonstrar que existia um significado para estes atos dos indígenas, mas o erro apresentado na coleção anterior também permeia esta coleção, devido à inexistência da problematização desta fonte histórica.

O diferencial deste livro no que se refere às imagens se consiste em demonstrar os códices astecas, permitindo aos alunos perceberem a grande riqueza cultural desta civilização. Mas em âmbito geral esta coleção apresenta os mesmos problemas que a coleção abordada anteriormente.

É possível perceber que estas duas coleções utilizam poucas imagens para ilustrar seus capítulos. Esta coleção utilizou treze imagens para explicar a conquista do México, enquanto que a coleção do Gilberto Cotrim utilizou oito imagens.

No que se refere à quantidade de imagens podemos afirmar que os autores utilizaram quadros e fotografias. A obra de Cotrim é composta por 4 quadros, 1 mapa e 3 fotografias. Enquanto que a coleção “História: Das sociedades sem estado às monarquias absolutistas”, sendo 8 quadros, 4 mapas e 1 fotografia da carta de Pero Vaz de Caminha.

Apesar da diferença no número de imagens utilizadas, a grande diferença entre as duas obras está no tratamento dado aos descobridores e aos navegantes, pois na obra de Vainfas eles receberam um grande destaque, talvez até maior do que o destaque dado às civilizações pré-colombianas.

Enquanto que na obra “História Global: Brasil e Geral” o foco são as civilizações que já existiam na América e as consequências do confronto entre os espanhóis e os indígenas, relegando ao segundo plano o papel das grandes navegações e dos conquistadores.

Portanto ao analisar estas duas coleções podemos constatar, que existem deficiências evidentes no processo de ensinar o aluno a realizar a leitura das imagens e ensina-los a explorar ao máximo esta fonte, o que é muito grave, pois se o aluno não sabe ler uma imagem, ele não conseguira ler uma foto de uma revista e de um jornal, o que o incapacitará de compreender as intencionalidades do autor, comprometendo a sua capacidade de explorar ao máximo as mensagens que são passadas pelos diversos meios de comunicação.

Um parâmetro das atividades relacionadas ao Império Asteca

Ao realizar uma análise dos exercícios sobre o Império Asteca nos capítulos que abordam o assunto nestas duas coleções, tornou-se clara as diferenças existentes e as intenções dos autores.

Na coleção “História” percebe-se que o autor inicia o capítulo sem aqueles exercícios que possuem a intenção de realizar um dialogo inicial com o aluno para averiguar o seu conhecimento ou problematizar algo relacionado com essa temática. O que pode parecer simples, mas que demonstram as intenções dos autores.

No que se refere às atividades podemos perceber que a coleção “História” de Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro Faria, Jorge Ferreira e Georgina dos Santos apresenta no total 10 atividades, sendo 6 atividades criadas pelos autores dos livros e 4 exercícios de vestibulares anteriores.

E todas as atividades que estão presentes neste capítulo não realizam uma conexão com o presente de nenhuma maneira. Portanto podemos deduzir que para o autor, exercícios que tenham o mero caráter de fazer com que o aluno encontre informações em um texto, são suficientes para desenvolver todas as habilidades cognitivas de que eles necessitam. O que se consiste em uma ilusão.

As atividades encontradas em nenhum momento se preocuparam em utilizar documentos para problematizar o assunto em sala de aula e nem utilizaram imagens, são exercícios de caráter informativo, o que prejudica os alunos, pois estas atividades não desenvolvem nenhuma habilidade nova.

Percebe que existem muitas questões de vestibulares neste livro, mesmo que ele seja para o 1º ano do Ensino Médio, o que demonstra que o livro possui a intenção de ir preparando o aluno para os vestibulares, que ele futuramente irá prestar.

Enquanto que no livro “História Global: Brasil e Geral” de Gilberto Cotrim, o capítulo que aborda esta temática tem inicio com 2 atividades que possuem a intenção de problematizar uma imagem, mas os exercícios são bastante simples, mas já é uma diferença entre esta e a coleção anterior.

Outra diferença entre esta coleção e a anterior é a seção Organizando que consta com algumas atividades ao longo do capítulo, diferentemente da coleção “História Das sociedades sem Estado às monarquias absolutistas” que apresenta apenas exercícios no final do capítulo.

Os exercícios da seção “Organizando” não são complexos, mas utilizam outras fontes, tais como Sérgio Buarque de Holanda e pede para os alunos realizarem uma pesquisa com a intenção de eles conhecerem melhor a língua indígena. Apesar de não serem exercícios complexos, não são exercícios informativos apenas, elas propiciam um trabalho de pesquisa e de análise histórica, maior que as atividades encontradas na coleção anterior.

Outro aspecto muito distinto entre as duas coleções se referem a quantidade de exercícios nesta coleção, quantidade esta que é muito maior que na outra. A coleção de Cotrim possui 39 exercícios, enquanto a outra apresenta apenas 10 atividades.

Além desta enorme diferença, podemos ressaltar que a coleção de Vainfas e de seus colaboradores possuem apenas 4 exercícios de vestibulares anteriores sobre esta temática, enquanto que a coleção de Cotrim possui 18 exercícios.

Isso demonstra que a obra “História Global: Brasil e Geral” tem a intenção de apresentar ao aluno como essa temática é abordada nos diversos vestibulares, para isso o autor utiliza dessa grande quantidade de exercícios.

Por isso se faz extremamente importante estudar os livros didáticos, pois um simples elemento como o número de exercícios pode demonstrar as intenções dos autores da obra.

Apesar dos exercícios de vestibulares da coleção “História Das sociedades sem Estado às monarquias absolutistas” representarem 40% e os exercícios de vestibulares da coleção de Cotrim representarem 46,15%, isso nos faz pensar que elas possuem a mesma proposta.

O que não é verdade, pois a diferença do número de atividades de vestibulares é muito grande entre estas duas coleções, apesar das porcentagens serem semelhante. Na obra de G. Cotrim a quantidade de exercícios de vestibulares é 4,5 vezes maior que a

quantidade da outra coleção, dado este que deixa claro a diferença entre as propostas de trabalho.

Apesar desta diferença apenas 6 exercícios dos 39 que compõem a coleção fazem uso de imagens, mas apenas um exercício realizou uma problematização com o uso da imagem, os demais pediam apenas para localizar elementos nas imagens.

Portanto podemos concluir que ambas as coleções não propõem exercícios que realizam um diálogo com a realidade do aluno e que apresentam como característica a coleta de informações dentro de um texto, que é uma habilidade importante, o problema é que os exercícios apresentados em sua maioria desenvolvem apenas estas habilidades, em detrimento de outras, fazendo com que os alunos não ampliam as suas habilidades cognitivas.

Sendo assim se faz extremamente importante que os exercícios que são apresentados pelos livros possuam características variadas, para que os alunos tenham de pensar e inferir, ao invés de apenas coletar dados de um texto.

Mas infelizmente este é o panorama dos exercícios dos livros didáticos de História, onde poucas coleções, que não é o caso destas duas, apresentam exercícios com um maior grau de complexificação.

Dessa forma cabe ao professor a tarefa fundamental de saber utilizar os exercícios dentro de sala de aula, para que as atividades sejam mais criativas e possibilitem que o aluno desenvolva as suas habilidades cognitivas para melhor compreender a realidade que nos cerca, tornando-se futuro um cidadão melhor, com uma consciência crítica.

O ofício do Historiador em sala de aula

Depois de completada a análise destes elementos do livro didático, podemos perceber que o professor/historiador encontra uma série de desafios ao se trabalhar em uma sala de aula. Por isso o debate do ofício do historiador em sala de aula é extremamente importante, para que possamos entender os desafios existentes e superá-los.

Na atualidade com a enorme popularização da internet, o professor não possui mais a atribuição de transmitir o conhecimento para os seus alunos, pois em 10 segundos, qualquer pessoa do mundo pode realizar uma pesquisa sobre determinado assunto, que se mostrará muito mais completa que o conhecimento que o professor possui sobre qualquer tema.

Então você deve estar se perguntando qual a função do professor dentro de sala de aula? O professor deve estimular os alunos a realizarem movimentos intelectuais de reflexão, sobre os mais diversos acontecimentos da história da Humanidade, ao estabelecer essa reflexão, os alunos desenvolveram o seu senso crítico e perceberam os mais diversos acontecimentos com outra perspectiva, o que acrescentará e muito em sua formação enquanto Homem e futuros cidadãos.

Não estou afirmando que o professor não pode explicar o conteúdo, ele pode fazer isso, mas o problema é que muitos professores passam o conteúdo no quadro e explicam para os alunos este conteúdo e pronto. É preciso ir além disso, explicar o conteúdo de outras formas e buscar principalmente uma conexão entre o passado e a realidade do aluno, o que não acontece na maioria das vezes.

O problema é que muitos professores ao tentarem explicar um determinado conteúdo caem no mito das origens, um fantasma que possui uma relação de simbiose com a prática do historiador. Essa prática é um equívoco que muitos historiadores cometem e iniciam a explicação de um conteúdo pelo momento mais afastado até chegar ao presente, que é o foco do conteúdo a ser ensinado.

O que se consiste em uma prática equivocada, pois existem outras maneiras de se abordar um determinado assunto. Se o professor possuir este hábito o tempo em sala de aula com os seus alunos não será maximizado, não que não seja importante explicar os fatos do passado, mas é possível estabelecer movimentos reflexivos muito importantes, sem se ter iniciado a explanação de um assunto de um instante muito afastado cronologicamente.

Até mesmo a cronologia não precisa ser seguida fielmente, por que existem livros didáticos que não são constituídos por uma ordem cronológica dos fatos, são os livros temáticos, que são construídos a partir de eixos e que quebram totalmente a linha do tempo, talvez seja por isso que são livros muito pouco utilizados, por que acabam gerando estranheza para os alunos e professores.

Entretanto em algumas situações se faz extremamente benéfico quebrar a cronologia para gerar estranheza nos seus alunos e desnaturalizar a questão cronológica que é muito presente na escola e até mesmo no Nível Superior.

O professor em sala de aula também precisa desnaturalizar a ideia de que o livro didático demonstra a verdade absoluta sobre determinado assunto, é preciso demonstrar para os alunos as incoerências existentes e para realizar isso, se faz extremamente necessário realizar a problematização desta fonte na sala de aula e utilizar outros livros para que as diferenças fiquem tangíveis aos alunos.

É extremamente importante trabalhar estes aspectos em sala de aula, mas existem outros elementos que precisam ser trabalhados, como a ideia de que a História é uma disciplina que precisa ser decorada, que é uma ideia muito comum que a população em geral possui em relação a esse conteúdo e que os alunos trazem consigo. E é trabalho do professor trabalhar para extirpar estes preconceitos para que os alunos possam compreender que cada disciplina necessita de uma série de habilidades específicas e que a história não está relacionada a decorar fatos.

O problema desta concepção é que durante toda a vida escolar, todos os professores explicaram o conteúdo passando centenas de informações e aplicaram provas que para serem resolvidas necessitava de decorar os fatos, o que faz com que os alunos pensem que a história é uma disciplina de memorização.

Portanto um elemento de fundamental importância no ensino desta disciplina se consiste em ensinar os alunos a realizarem a leitura de fontes históricas, que se constituem em todos os elementos que o Homem deixou ao longo de sua existência no tempo, que é uma habilidade fundamental para a realização do ofício do historiador.

Dessa maneira além de todos os elementos referidos acima, os professores precisam extirpar a ideia de que a história é uma ciência que trata apenas dos fatos passados. Fato que pode ser percebido quando se estuda os conflitos atuais, que não são estudados nesta disciplina e sim na geografia ou nas atualidades.

Cabe ao professor extirpar este preconceito e demonstrar aos alunos que o Historiador olha para o passado, tendo com referencial o momento atual de uma sociedade, pois é impossível separar o historiador do contexto social em que ele se insere.

Portanto estes são alguns dos desafios que o historiador possui ao adentrar dentro de uma sala de aula e que precisam ser trabalhados para serem superados por ambas as partes, mas em muitos casos isso não acontece por ser algo extremamente trabalhoso que não acarreta em um interesse por ambas as partes.

Conclusão

Após a realização deste trabalho, podemos constatar que existem diversos aspectos em que o livro didático precisa melhorar, mas mesmo com todas as carências presentes nos livros, o trabalho pode ser bem feito em sala de aula.

Para que isso aconteça, o papel do professor é crucial, pois cabe a ele explorar os pontos positivos dos livros e explorar os pontos negativos, as ausências presentes nos livros que são muitas, demonstrando aos alunos o motivo pelo qual o autor não pautou aquele determinado conteúdo.

Ao fazer isso o professor irá desnaturalizar o livro e trata-lo como fonte, o que ele é. Mas nem todos os educadores realizam este trabalho, devido a uma má formação acadêmica, por isso as disciplinas realizadas na Faculdade de Educação se fazem tão importantes, para que os professores tenham a consciência da sua importância na escolha dos livros, na prática educativa e que ele é um sujeito que possui o poder de transformar vidas, tanto positivamente quanto negativamente, daí a extrema importância do professor dentro de sala de aula.

Pois na atualidade a função do professor ultrapassa a tarefa de passar o conteúdo, pois a internet realiza isso muito bem, portanto para que o professor se torne um excelente profissional ele precisa desenvolver novas estratégias de ensino e se aprimorar constantemente.

Nisso se consiste o principal desafio desta profissão, a paixão pela mudança é algo inerente a nossa profissão, mudança tanto do ponto de vista pessoal quanto a mudança proporcionada nos nossos alunos.

Referências Bibliográficas

- BLOCH, March. A apologia da História ou o ofício do Historiador. Rio de Janeiro. Zahar, 2002.
- COTRIM, Gilberto. História Global: Brasil e Geral: volume 1/ Gilberto Cotrim. – 1. Ed. – São Paulo: Saraiva, 2010.
- JUNIOR, Wanceslau Machado de Oliveira. Fotografias, geografias e Escolas.
- MAUAD, Ana Maria. Através da imagem. Fotografia e História Interfaces.
- SANTOS, Carmi Ferrari; ALBUQUERQUE. E.C.C; MENDONÇA, M. Alfabetização e letramento nos livros didáticos. IN: SANTOS, C.F.; MENDONÇA M. Alfabetização e letramento: conceitos e reflexões. Belo horizonte: Autêntica, 2005.
- SEFFNER, Leitura e escrita na história. In. NEVES, I.C.B. et al. Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006.
- VAINFAS, Ronaldo, SANTOS, Georgina Silva dos, FERREIRA, Jorge Luiz, FARIA, Sheila Siqueira de Castro. História: Das sociedades sem Estado às monarquias absolutistas, volume 1. São Paulo: Saraiva, 2010.